



# CULTURA PROFISSIONAL

## A TÉCNICA E A TÁTICA DA GUERRA REVOLUCIONÁRIA

SERZEDELO CORELHO

Major do C. E. M.

"Ao século XX corresponde uma nova forma de Guerra. Podemos designá-la por Guerra político-militar pois os meios políticos e psicológicos tornaram-se tão eficazes como os aviões, os tanques e os carros."

**Bulganine**

Num modesto apontamento anterior tentamos situar a agressão revolucionária no quadro geral da Política e da Guerra. Nesse artigo (1), exprimimos o parecer — que procuramos justificar — de que o processo não constitui uma novidade, nem é uma criação original do comunismo. Sublinhamos, também, os fatores que favorecem o seu atual desenvolvimento e as razões que levam a URSS a conceder-lhe marcada preferência. Por fim, tivemos a lamentável idéia — e dizemos la-

mentável porque o tempo escasseia, os elementos não são muitos, estão muito dispersos, e o assunto é complexo — de nos comprometermos a abordar de novo o problema com fundamento no estudo dos movimentos registrados na Ásia, no Médio Oriente e na África. É essa razão de ser do apontamento de hoje com o qual se pretende ventilar, com um pouco mais de pormenor, um assunto que parece merecedor de estudo e de reflexão.

(1) Revista Militar, Agosto de 1957. — "A Guerra Revolucionária".

Arrumaremos os pontos a focar nas rubricas seguintes:

1. Definição de Guerra Revolucionária
2. Fatores fundamentais
3. Técnica e tática
4. Condução da Guerra Revolucionária
5. Os movimentos na Indochina e na Tunísia
6. Conclusão

#### 1. Definição de Guerra Revolucionária

Segundo alguns autores, a Guerra Revolucionária é a "forma de agressão que tem por fim a conquista do poder político por intermédio da participação ativa da população, dominada física e moralmente, pela aplicação sistemática de determinadas processos técnicos". A definição não nos parece inteiramente clara. De facto, para que haja Guerra Revolucionária é necessário que se verifique a interferência de uma Potência no sentido de alterar o equilíbrio político no território de outra Potência. Se tal não acontecer, a Guerra Revolucionária reduz-se a um problema de carácter interno. Nestas condições, julgamos mais objectivo considerar a Guerra Revolucionária como forma de agressão pela qual uma Potência fomenta ou provoca, sem se empenhar directamente, uma transformação política interna num dado país com o fim de o sujeitar à sua esfera de influência, de o neutralizar ou de obter quaisquer outras vantagens de ordem estratégica. A intervenção é realizada por intermédio de um Partido político — comunista ou não — previamente aliado, organizado e preparado para o efeito. No caso geral, a Potência agressora procura permanecer à margem da luta, sem intervir directamente. Quando as circunstâncias a forcem a isso recorre a processos não formais — as conhecidas brigadas de "voluntários", o auxílio material, etc. — procurando evitar a generalização do conflito ainda que

para tal se veja obrigada a abandonar os insurreitos à sua sorte.

A Guerra Revolucionária é, por consequência, a arte de fazer a Guerra sem recorrer aos processos clássicos e tradicionais, isto é, sem recorrer directamente ao poder militar. Trata-se de uma gradação intermédia entre a Guerra generalizada e o estado de Paz que permite à União Soviética o exercício permanente, eficaz e impune da agressão.

#### 2. Fatores fundamentais

A Guerra Revolucionária é encarada com uma dose apreciável de incredulidade e de ceticismo. O facto é uma característica da própria agressão revolucionária que visa a alteração gradual e progressiva do equilíbrio estratégico mediante uma acção global resultante da combinação de forças políticas, psicológicas, sociais, económicas e militares orientadas segundo as linhas de menor resistência do adversário. A estratégia global ou integral da Rússia Soviética, maleável e flexível, artilhosa e chantagista, capaz de se adaptar e de explorar todas as situações, opõem-se os EE.UU. uma estratégia rígida, clássica e tradicional, exclusivamente fundamentada no potencial militar. Ora, quando a China se bolchevizou, quando a Coreia do Norte e depois a Indochina foram esmagadas pela onda vermelha, os americanos detinham ainda o monopólio das armas atómicas o que, segundo parece, se deveria ter traduzido numa decisiva vantagem política. A realidade, porém, foi, infelizmente, muito diferente. A estratégia americana, fundamentada nas repênsias maciças da sua poderosíssima aviação, não permite enfrentar as agressões locais e as ofensivas políticas e psicológicas da Rússia sem o risco de provocar um conflito geral de consequências imprevisíveis. Quer dizer, nem a estratégia militar se adapta a uma resposta adequada de carácter local, nem, só por si, sem a con-

jugação com todos os restantes elementos — políticos, económicos, psicológicos, etc. — pode ter resultados frutuozos.

Os fatos que apontamos não podem deixar de pesar nos êxitos da Guerra Revolucionária. Temos, assim, o primeiro fator fundamental a ter em consideração ao estudar o problema: **Inexistência de uma estratégia contra-revolucionária.**

A condução da Guerra Revolucionária exige, antes de tudo, unidade política, não só de cada uma das partes considerada em si mesma como do conjunto. Do ponto de vista parcelar há regimes políticos que não permitem realizar uma defesa eficaz, enérgica e oportuna. As lutas partidárias, travadas ao abrigo de um conceito de liberdade muito pouco consentâneo com as realidades, impedem, ou pelo menos retardam, a atuação dos Governos que ficam em manifesta situação de inferioridade em face de um inimigo que decide e executa com rapidez sem quaisquer obstáculos de ordem interna. O problema é ainda agravado pela existência, tolerada e legalizada, de simpatizantes e até de inimigos declarados — Partido comunista e outros — dentro dos próprios países. Cria-se, assim, um estado de agitação, de insegurança e de instabilidade que paralisa os Governos. Para completar o quadro, já de si bastante negro, transpõem-se as instituições políticas metropolitanas — com todos os seus defeitos e o seu caráter demagógico — para os territórios ultramarinos criando nestes a confusão de espíritos favoráveis à agressão revolucionária.

A ONU — excelente meio para os países comunistas e aderentes consumarem a sua política agressiva e levarem a sua propaganda insidiosa até às populações ocidentais — é teatro de verdadeiras ofensivas psicológicas contra alguns países que são publicamente caluniados e apelidados de "imperialistas". Por vezes, até, a

vítima é objeto das críticas dos próprios aliados que, sem consciência do perigo, fazem a sua política particular com vista a interesses próprios, sem atenderem, se favorecem ou não o inimigo comum. Foi desta forma que, em certos casos, se originou um ambiente internacional favorável às rebeliões. Os responsáveis consideram filosofia e menosprezam a idéia de manobra gizada por Lenine: "A revolução proletária, propriamente dita, deve ser precedida, nos territórios coloniais, por uma fase nacionalista durante a qual é necessário apoiar e cusinar a burguesia indígena. Só mais tarde, depois da independência, se poderá pensar na sua liquidação". Raras vezes o inimigo deu a conhecer com tanta clareza e com tanta antecendência as suas intenções.

Em geral, as ofensivas oratórias são desencadeadas pelos representantes de países incipientes cuja população permanece num estado de pré-civilização sujeita à vontade despótica de governos semifeudais. A situação degradante — conhecida e reconhecida por todos — dessas infelizes populações não tem paralelo — o que todos também sabem — com o bem-estar que usufruem os indígenas dos territórios "colonizados". As exceções só se observam nos países recém-independentes onde os "imperialistas" conseguiram, com muito trabalho e dinheiro, criar novas condições de vida e rasgar novos horizontes. Por outro lado, certos homens públicos, em posições de notável destaque, fazem viagens de propaganda aos países que "expulsaram os terríveis imperialistas", distribuindo abraços e sorrisos, favorecendo, com uma ingenuidade virginal, verdadeiramente aflitiva, a política do seu implacável adversário, a URSS. Mas, paradoxalmente, aqueles políticos não se mostram capazes de resolver, no seu próprio país, certos problemas racistas que são desconhecidos nos países apelidados de "coloniais". Desta maneira forne-

cem ainda a propaganda inimiga um tema de eleição.

Os antagonismos económicos e a falta de senso de uma Imprensa que ora diz, ora se desdiz, escrevendo o que não deve e não escrevendo o que deve, completam o panorama. O ambiente correspondente é de dúvida, ceticismo e descrença. As populações, desorientadas, só pensam no dia que passa, só se preocupam com o seu bem-estar pessoal e tornam-se, dia a dia, menos aptas ao sacrifício em proveito da comunidade. Por sua vez, os governos desprestigiam-se a si próprios e desprestigiam e enfraquecem as alianças que firmaram e os países a cuja sorte estão indissolúvelmente ligados.

O vírus da Guerra Revolucionária encontra um meio ambiente extremamente favorável ao seu desenvolvimento. É esta uma das razões basilares — senão a principal — dos êxitos que tem alcançado nos últimos anos: **A falta de unidade política dos adversários da URSS.**

A Guerra Revolucionária é um conjunto de ações de natureza política, económica, social, psicológica e militar, que não podem dissociar-se, nem devem ser consideradas separadamente. Como é do conhecimento geral, a força da organização revolucionária é, na fase inicial da insurreição, extremamente fraca em comparação com o poder das forças à disposição das autoridades. Mesmo mais tarde, quando o movimento aumenta de envergadura e dispõe de forças militarizadas que lhe permitem a luta em campo aberto, aquelas forças são de valor técnico muito inferior ao das forças legais. Este fato torna-se relevante quando as forças revolucionárias são forçadas a combater fora do seu meio ambiente. A origem de força dos rebeldes não deriva do seu potencial militar mas sim **do apoio que recebem da população.** Nos períodos inicial e intermédio da sedição o fator militar não é o elemento decisivo. Ora, as autoridades têm tendência para

fundamentar a segurança do território quase exclusivamente no poder militar e policial. Sucede, porém, que os rebeldes procuram anular a situação de inferioridade em que se encontram e alterar a situação a seu favor recorrendo a meios contra os quais aquelas forças não estão habilitadas a lutar. **O seu objetivo primordial é a conquista do apoio da maioria da população.** É essa a mais importante missão em que se empenha o partido revolucionário. Para isso os rebeldes procuram interessar a população nos problemas que afetam a maioria. Ao mesmo tempo tentam impedir as autoridades de restabelecer a situação mediante a realização ou a proposição de reformas e de promessas.

Uma vez obtida a participação ativa da população e ampliada a infra-estrutura revolucionária — trabalho muito lento, realizado durante anos — é possível organizar as primeiras guerrilhas. As autoridades começam então a sentir os efeitos de terem perdido a batalha para a conquista das massas populacionais. Estas passam a informar o inimigo, a praticar a sabotagem, etc., e, sobretudo, a fornecer aos rebeldes tudo quanto necessitam para viver e combater. A população deixa de ser uma origem de recrutamento e um elemento de trabalho à disposição das autoridades. As forças legais passam a ser flageladas, por toda a parte, por um inimigo invisível, que aparece e desaparece, que é impossível forçar a um combate decisivo. Desferem os seus golpes no vácuo sem poderem evitar a sangria e a desmoralização lentas que o inimigo lhes inflige continuamente. Acabam por ficar isoladas no meio de um território e de uma população hostis. Pelo contrário, as forças rebeldes crescem sem cessar graças ao recrutamento de voluntários. Em certas regiões mais afastadas e de difícil acesso a administração legal é suprimida e substituída pela organização revolucionária local. Os rebeldes começam a organizar verdadeiras unidades e iniciam a luta à ma-

neira clássica. A sua origem de força continua a ser, porém o apoio que a população lhes concede.

A conquista psicológica das populações e a obtenção da sua participação ativa na luta é, por consequência, o terceiro fator fundamental a considerar no desenrolamento e na condução da agressão revolucionária. A esse trabalho, realizado em profundidade, com extraordinária habilidade e sem quaisquer escrúpulos, dedica o partido revolucionário o melhor do seu esforço, empenhando-se numa vasta ação de estequização levada a cabo por equipes de agitadores e de propagandistas. Para combater uma ação desta natureza, o melhor bem planejada e bem sistematizada, não chegam as ações de polícia e a aplicação de medidas de censura. É indispensável uma contrapropaganda e uma contra-agitação ativas, bem concebidas e racionalmente executadas. A Guerra Revolucionária tem um campo de ação que transcende largamente as operações militares e as ações de polícia tradicionais. Põe em jogo todas as atividades e todos os sentimentos das massas populacionais. Obriga a lutar em todos os domínios.

O quarto fator a considerar nos conflitos de natureza revolucionária é a existência — legal ou clandestina — de uma infra-estrutura organizada, isto é, de um partido político cujos membros estejam possuídos de uma forte convicção ideológica. Não é necessário — já o acentuamos — que o partido em questão seja comunista. Isso não obsta que seja cópia fiel do partido comunista e atue nos mesmos moldes, embora o suporte da convicção ideológica sejam os sentimentos nacionalistas e os odios raciais e religiosos. Em relação ao partido revolucionário, o partido comunista desempenha, na sombra, o papel de aliado, de mestre e de instrutor.

Finalmente, o quinto fator fundamental favorável à agressão é a existência de um certo grau de

instabilidade política, social, económica e moral capaz de produzir nas "massas" as condições de fluidez necessárias à penetração psicológica.

Não é possível, nem conveniente — os conflitos humanos não cabem em esquemas, nem se subordinam ao articulado dos regulamentos — deduzir das guerras revolucionárias conhecidas um modelo geral onde caibam todas. Em cada caso, as condições gerais e particulares que presidiram à eclosão dos movimentos são completamente diferentes. O único elo de ligação entre eles é o método de análise das situações e a forma de conduzir a luta sempre de harmonia com os processos comunistas. No entanto, é possível distinguir, com nitidez, na maioria dos movimentos, três fases distintas, de duração variável e que se sobrepõem mais ou menos. São elas:

- A fase inicial, ou fase preparatória, em geral clandestina e subterrânea, de longa duração. É a fase de agitação e de organização da infra-estrutura revolucionária.
- A fase intermédia, de flagelação armada, de ampliação da organização partidária, na qual o objetivo fundamental é a conquista e o domínio da população.
- A fase final, de luta armada, à maneira clássica — guerra civil — conduzida com pequenas e grandes formações militarizadas, em geral de curta duração e de efeitos rápidos e espetaculares.

A 1ª fase é o período de agitação-propaganda e de desenvolvimento em superfície da infra-estrutura revolucionária. Visa a constituir uma vasta rede de organizações paralelas e independentes, de malha apertada e com várias sobreposições.

Na 2ª fase, constituída já uma sólida organização em superfície, são iniciadas vastas ações psicoló-

gicas reforçadas com ações violentas — sabotagens, atentados, assassinatos, etc. —, que têm também em vista o treino de pequenas formações de combate: Grupos de ação, equipes de sabotadores, guerrilhas, etc.

Na 3ª e última fase, conquistada e dominada a população, desmantelada a administração legal em certas regiões do território — bases de apoio —, é possível recrutar combatentes entre a população e constituir verdadeiras unidades de combate tendo por núcleos as formações elementares já organizadas e experimentadas. Começa a luta em campo aberto que, como é óbvio, não foge às regras e às normas que regem as operações militares. Tal não quer dizer, contudo, que o fator fundamental das decisões a tomar para a condução da luta seja sempre e exclusivamente o fator militar.

### 3. Processos técnicos e táticos

Como já dissemos, a 1ª fase das insurreições caracteriza-se pela enorme desproporção entre os meios à disposição dos rebeldes e as forças legais. Talvez por essa razão e também pelo fato de grande número de movimentos não terem abertamente caráter ou filiação comunista — casos do Neo-Destour, na Tunísia, do movimento na Argélia, etc. — os responsáveis têm a tendência para considerar as sublevações, no seu início, como sedições do tipo tradicional. Ora, não é indispensável a presença de elementos comunistas para que o movimento apresente as características da Guerra Revolucionária, isto é, que a sua infra-estrutura — partido político — seja organizada nos moldes do partido comunista e adote os mesmos processos de luta. Na Argélia, a rebelião foi classificada, erradamente, como um levantamento de tribos de caráter análogo a outros movimentos anteriores. As entidades responsáveis preo-

cupam-se principalmente em determinar as causas da rebelião. Dentro dessa orientação são levadas a propor reformas com o fim de fazer desaparecer aquilo que supõem ser os motivos de descontentamento. Verificam, porém, que as suas intenções são deturpadas pelos insurretos que se recusam sistematicamente a aceitar as medidas reformadoras. A organização revolucionária tem um único objetivo do qual não se desvia: **A conquista total do poder.** O fato da insurreição ter estalado não deriva de quaisquer reivindicações a fazer aceitar pelas autoridades mas somente daquele propósito e de os revoltosos entenderem que a situação interna e externa é favorável à eclosão do movimento. As reformas não são aceites porque fariam perigar, ou até desaparecer, os fatores que favorecem os revoltosos — muitas vezes criados por eles — e que servem de suporte à agitação-propaganda (1). Por esta razão, quando a insurreição está em marcha, sempre que as autoridades anunciam reformas, a violência e a resistência aumentam. Também quanto maior é a projecção internacional do movimento, maiores se tornam as manifestações de rebelião. Note-se que, quando na O.N.U. se discute o assunto, as ações de rebelião aumentam de intensidade.

De início, o poder da minoria revolucionária é ridículo em comparação com a força à disposição das autoridades legais. Os esforços dos revoltosos orientam-se, então, no sentido de desorganizar e paralisar a máquina governamental e de, ao mesmo tempo, ampliar e generalizar a reduzida infra-estrutura revolucionária. Nesta fase elementar da insurreição os rebeldes servem-se, simultaneamente, de meios destrutivos e meios construtivos. Vejamos em que consistem uns e outros.

(1) "Princípios do Leninismo" — Stalin.

Os meios destrutivos compreendem as ações destinadas a destruir o equilíbrio social, o terrorismo seletivo, a intimidação, o terrorismo sistemático, a desmoralização e a eliminação.

A paz social é destruída pelo recurso às greves, à resistência passiva, às desordens e aos motins executados de acordo com um plano previamente estabelecido para todo o território ou para uma parte dele. Estas ações são completadas pela prática do **terrorismo seletivo** que consiste em suprimir, pelo assassinato, as personalidades com influência nos vários setores da população: médicos, professores, sacerdotes, etc. O desequilíbrio e a agitação social são depois acentuados por intermédio de certos meios de intimidação. Dêstes, os principais são: as manifestações de propaganda mágica, o terrorismo sistemático, a sabotagem e a guerrilha.

O terrorismo sistemático difere do terrorismo seletivo pelo fato de não ter em vista a supressão ou o afastamento dos indivíduos hostis ou cuja influência junto da população é prejudicial, mas procurar obter, apenas, um efeito psicológico de alcance geral. Para isso, os revoltosos assassinam sistematicamente as individualidades em destaque: banqueiros, grandes comerciantes, industriais, grandes proprietários, funcionários categorizados, etc. Estabelece-se, assim, um ambiente de terror que leva grande parte dos indivíduos visados a encerrarem as suas atividades e a fugirem. A economia do território é profundamente atingida.

A sabotagem é utilizada para completar a desorganização e destruição da economia local. É dirigida contra as instalações dos pequenos industriais, comerciantes e agricultores com o fim de os ruinar e de os impedir de pagar os seus impostos, sujeitando-os à reação das autoridades. Visa a criar um ambiente geral de desmoralização e de descrença favorável à sedição.

A guerrilha serve para flagelar as forças legais, roubar armamento e provocar um clima de insegurança permanente que acaba por afastar a população das autoridades.

A desmoralização visa os meios políticos e as forças militares do adversário. Os processos utilizados são a negação sistemática dos sucessos, a ampliação e o exagero das derrotas infligidas, a criação de um ambiente psicológico de ceticismo e de descrença na eficácia das medidas tomadas pelas autoridades civis e militares e na sua competência e honestidade. Trata-se de generalizar e manter uma atmosfera de suspeita e de dúvida no próprio seio do aparelho governamental.

Ao mesmo tempo, os rebeldes procuram manter fora da luta os indivíduos que não podem ser suprimidos, nem desmoralizados, até ao momento em que é possível eliminá-los. A **eliminação** — cópia da tão conhecida "depuração" comanista — é aplicada aos irreductíveis sempre que há oportunidade favorável.

A par dos meios de destruição do equilíbrio político, económico e social, os insurreitos servem-se de **meios construtivos** para edificar e ampliar a sua organização. Esses meios são os seguintes: a **seleção**, a **instrução dos Quadros**, a **disseminação**, a **ação psicológica** — **agitação** —, o **enquadramento** e a **edificação**.

A **seleção** é aplicada, com rigor, no recrutamento dos membros do Partido Revolucionário. A **instrução dos Quadros** visa a formação dos agitadores, propagandistas, técnicos psicológicos dos diferentes meios populacionais, sabotadores, guerrilheiros, etc. A **disseminação**, consiste em distribuir os Quadros já formados pelos vários setores da população e pelos grupos de ação já organizados.

A **ação psicológica**, no seu duplo aspecto agitação-propaganda, é uma das principais armas dos rebeldes. É por meio do seu em-

prêgo judicioso e metódico que se consegue transformar uma população indiferente numa "massa" ativa e entusiástica. A intoxicação psicológica não chega, só por si, para empenhar as populações na luta ativa. Para isso é necessário **enquadrar e organizar** as "massas". O processo adotado consiste em criar um grande número de organizações, tôdas situadas no mesmo nível, totalmente independentes umas das outras. Essas organizações — algumas legais — são os sindicatos de operários e de agricultores, as associações da juventude, as sociedades desportivas, e, principalmente, a organização partidária. O partido revolucionário, embora sem ligação aparente com o partido comunista, organiza-se da mesma forma, isto é em células, comissões locais e comissão central.

A **edificação** consiste em ligar tôdas as organizações criadas, em as multiplicar e alargar a partir dos órgãos fundamentais.

O conjunto dos meios constructivos que enunciamos permite erguer a pouco e pouco, na clandestinidade, uma complexa organização revolucionária, primeiro em superfície e depois em profundidade. A organização é concebida, como já dissemos, em paralelo, de forma tal que a referência ou liquidação de uma das suas partes não afete as restantes.

É claro que a guerra revolucionária não se processa somente pela vontade dos rebeldes. As autoridades legais reagem violentamente, lançando mão, em geral, de todos os meios de repressão clássicos: ação policial, judicial, administrativa e militar; medidas de pacificação, ocupação de certos locais ou regiões com forças policiais ou militares, vigilância com unidades móveis, etc., isto é, mediante uma defesa em superfície. Ora, estas ações, embora indispensáveis, são insuficientes se não forem resultantes de uma orientação de conjunto, judiciosa e fir-

me que tenha em conta os aspectos político, económico e psicológico do problema.

Os meios empregados pelos rebeldes são aplicados segundo uma tática determinada com vista a atingir três objetivos fundamentais:

1º. — **Separar as populações do poder legal e conjugar a vontade coletiva em torno dos motivos de luta enunciados pelo partido revolucionário.** Esta finalidade é atingida por fases, num certo ritmo e depende dos efeitos da ação psicológica desenvolvida em superfície e em profundidade. O estado psicológico das populações apresenta, por consequência cambiantes diversas, isto é, há períodos em que o sentimento coletivo da vontade de lutar se expande, aumenta ou, pelo contrário, sofre uma regressão. Esta última hipótese a verificar-se, representa para os rebeldes um revés **multo mais grave do que uma derrota militar.**

2º. — **A organização de uma vasta rede revolucionária que enquadre os vários setores da população e permita constituir "bases de apoio"** (regiões onde a população confere apoio total aos revoltosos).

3º. — **A militarização, isto é a edificação de uma máquina militar que é empenhada na luta à medida que vai sendo criada.** De início, são organizados pequenos **grupos de ação.** Estes são depois reunidos para formarem **bandos** ou **guerrilhas locais.** Logo que os habitantes de uma região estão dominados e deixam de obedecer à administração legal, são organizadas **milícias** que, depois, vão dar origem a **unidades territoriais** e a **unidades de intervenção.** Por fim, estas são reunidas para constituírem grandes unidades. Nas forças que organizam, os revoltosos procuram obter uma perfeita simbiose entre as unidades territoriais e a população armada. A regra foi enunciada por Mao-Tse-Toung: "Na nossa guerra, o povo



armado e o Exército Vermelho são braços do mesmo corpo. O Exército Vermelho sem o apoio da população em armas e sem as guerrilhas seria um combatente sem braços".

Os objetivos que definimos não são atingidos simultaneamente. O processo é lento e demorado mas é, muitas vezes, terrivelmente eficaz. O seu esquema evolutivo é, em certos casos, o seguinte: O trabalho inicial compete aos **agitadores**. Logo que uma equipe de agitação conseguiu impregnar psicologicamente um grupo de indivíduos, isto é, logo que o grupo adquiriu uma **convicção ideológica** suficientemente forte, procede-se à divisão e à atribuição de missões dentro do agrupamento. Tal corresponde a **organizar** o grupo. Em seguida os seus membros são instruídos militarmente até ficarem aptos a fazerem parte de uma pequena **"equipe de ação"** a fornecer pelo grupo. A "equipe de ação" é finalmente lançada em pequenas operações contra postos de polícia, de sentinelas, etc., com o fim de roubar e obter armamento. O grupo passa a considerar-se **militarizado**. Uma vez obtidas as armas necessárias o chefe do grupo planeia e realiza uma ação de maior vulto cujo sucesso é hábilmente aproveitado para obter um largo efeito psicológico junto da população local de maneira a ampliar o grupo e a constituir um **"conselho"** de aldeia ou de bairro, etc. Um processo, semelhante permite estabelecer **"comissões de província"**. Graças à agitação-propaganda o número de voluntários aumenta. A organização vai crescendo e desenvolvendo-se sem cessar. A determinação do maior ou menor grau de consecução dos **estados de impregnação psicológica, da organização e da militarização**, constitui um bom índice de apreciação da situação.

Os três objetivos fundamentais são interdependentes. Se o estado psicológico é bom, o que corresponde a uma convicção ideo-

lógica firme, mas se a organização e a militarização são fracas, a situação pode ser considerada favorável porque as autoridades podem, mediante uma ocupação militar suficientemente densa, impedir a progressão da ação revolucionária. Porém, se a par de uma boa impregnação psicológica existe uma organização clandestina perfeita, com missões distribuídas e bem articuladas, a situação deve ser considerada **desfavorável**, embora o grau de militarização seja muito fraco ou incipiente. Neste caso, as autoridades apreciando o inimigo à maneira clássica serão induzidas em erro porquanto a ocupação militar, só por si, não pode impedir a progressão da ação revolucionária.

Logo que os revoltosos conseguem o domínio total de uma parte do território — **base de apoio** — organizam um **Governo Provisório**. O processo revolucionário acelera-se e os meios de ação adquirem uma eficácia muito maior.

#### 4. Condução da Guerra Revolucionária

Como já dissemos, a Guerra Revolucionária é um conflito global que põe em jogo todos os fatores que regulam e influenciam a vida das sociedades humanas. O seu campo de ação é muito mais vasto e muito mais complexo do que aquele em que se desenrola a Guerra tradicional. O fim em vista é também muito diferente: **trata-se de destruir uma dada ordem social e conquistar o poder político**. Procurar reduzir a Guerra Revolucionária a um simples problema militar, ou pretender ganhá-la somente à custa do emprego das forças militares e policiais é um erro que, em geral, se paga muito caro. Os partidos revolucionários, denominados nacionalistas, sabem adaptar-se à situação, não só do seu país, como também à situação internacional. São hábeis a explorar os fatores que lhes são favoráveis e, bem assim, as "contradições" e os atritos que

dividem o seu adversário. As insurreições só são desencadeadas no momento oportuno, em função de uma análise fria da situação encarada em todos os seus aspectos. Por detrás dos partidos revolucionários, seja qual for a sua natureza, está a U.R.S.S. que, direta ou indiretamente, lhes dá o seu apoio e lhes ensina a apurada técnica revolucionária leninista e lhes incute a disciplina e a organização característica do Partido Comunista.

No período de 1917 a 1957 registraram-se dezoito conflitos revolucionários. Poder-se-á atribuir ao acaso a sua eclosão? Desenvolveram-se nos mais variados lugares e em condições completamente diferentes. A sua frequência e amplitude aumentou notavelmente depois da 2ª Guerra Mundial. As vítimas diretas têm sido quase sempre, as Potências europeias. O fato é uma consequência das novas condições geradas pela guerra. A propaganda soviética junto dos povos de cor foi reforçada pelas vitórias obtidas durante a luta e, também, pelo êxito de Mao-Tse-Toung na China. Aos apelos contra o imperialismo colonial e a aliança com os nacionalistas escravizados seguiu-se-á a comunização dos países recém-independentes. A aliança com os nacionalismos iridentes é uma tática temporária. O comunismo não se desvia do seu objetivo final: A revolução mundial.

Os americanos definiram a sua atitude na Carta do Atlântico: o direito de cada povo escolher a forma de governo que quiser. A declaração — art. 3º da Carta — veio favorecer somente a política chantagista da União Soviética. Por outro lado, o mundo de negócios americano procura, por todos os meios, destruir as barreiras que detêm a sua expansão. Chegou-se, assim, ao paradoxo de as políticas comunista e capitalista concorrerem para o mesmo fim. A guerra fria modificou um pouco o ponto de vista oficial dos E.E.UU. que verificaram a origem

comunista de alguns movimentos revolucionários. Porém, os americanos estão convencidos que lhes é possível evitar a comunização dos países recém-independentes favorecendo o seu nacionalismo. A realidade, contudo, é muito diferente.

Não é possível provar que as Guerras Revolucionárias até agora verificadas obedecem a um plano de conjunto. Do que não resta dúvidas é de que os revoltosos, seja qual for a sua tendência política — isso pouco interessa à União Soviética —, são sempre apoiados pelo partido comunista que lhes ensina a maneira como devem combater. As ações revolucionárias são conduzidas sistematicamente no espaço e no tempo e para as combater de pouco tem valido a superioridade militar e policial das autoridades em relação aos insurretos. Tal parece ser consequência de apreciar as situações à maneira clássica dentro do critério tradicional. A situação é avaliada através de uma carta onde se assinalam a lápis de cor as posições ocupadas pelas forças militares e policiais. Essa imagem da situação não traduz a realidade porque ignora a gangrena que corrói os sentimentos dos indígenas e a força da organização clandestina dos revolucionários. Não é com o emprégo exclusivo da força material que se pode evitar que o inimigo desenvolva a sua infra-estrutura e conquiste o domínio físico e moral da população. Note-se, ainda, que o processo tem uma evolução lenta que chega a demorar alguns anos. É necessária uma ação de conjunto, unitária — política, econômica, social, psicológica e militar —, para anular os fatores favoráveis aos revoltosos e não perder a confiança e o apoio das massas. É indispensável analisar e apreciar a situação em conjunto para conduzir criteriosamente a ação contra-revolucionária. Na obra a "Estratégia da Guerra Revolucionária na China", Mao-Tse-Toung explica a forma como os chefes

revolucionários fazem a análise da situação com vista à conduta das operações. No capítulo II, Mao aprecia a situação geral da China em 1938. Vejamos como procede. Os fatores considerados são os seguintes:

- O meio;
- As forças político-militares em presença;
- A convicção ideológica;
- A situação internacional.

O meio é o fator mais geral e mais estável cujo estudo se pode fazer com maior objetividade. O "meio" é apreciado pormenorizadamente em todos os seus aspectos (geográfico, económico, social, etc.). Os pontos principais a tocar são: a situação económica e a situação social, taxas de mortalidade e de natalidade, crescimento da população, natureza das suas principais atividades, população urbana e rural, nível de vida, distribuição do rendimento nacional, minorias, sindicalização, etc. Do estudo do meio são fundamentais as conclusões económico-sociais, no sentido de determinar o estado de equilíbrio ou desequilíbrio social, quer este se manifeste por uma oposição ou desnivelamento de classes sociais, quer por antagonismos raciais ou religiosos. Se o desequilíbrio não existe é indispensável criá-lo.

No estudo das forças político-militares em presença procura-se avaliar as possibilidades que o inimigo tem no que se refere à fiscalização da população, isto é, qual o valor e o desenvolvimento das organizações política, social, administrativa, judicial, policial e militar: pontos fortes, capacidade de reação, permeabilidade à desmoralização, sindicatos, partidos políticos, Imprensa, Rádio, etc. Na análise consideram-se secundários os meios militares. Interessa muito mais apreciar as possibilidades de iludir a fiscalização que o inimigo exerce sobre a população. Para isso, a exis-

tência de uma minoria organizada, instruída nos métodos da luta subversiva e na agitação-propaganda é fundamental e constitui condição indispensável para o bom êxito da agressão.

O terceiro fator considerado por Mao é a "convicção ideológica". Há que investigar se existe ou não um estado de tensão psicológica resultante de quaisquer antagonismos, ódios ou frustração sentimental da maioria. Se tal não se verifica é necessário averiguar das possibilidades de a criar artificialmente. Só assim será possível separar psicologicamente a população das autoridades e conseguir a sua participação ativa na luta. A vontade de lutar é apreciada sem ter em conta os meios materiais à disposição dos insurretos, porquanto o caso normal consiste em aqueles meios serem muito inferiores, quase ridículos, em comparação com a força à disposição das autoridades. O fato, porém, não se repercute no estado psicológico da maioria se já existir uma infra-estrutura clandestina a trabalhá-la. Na realidade, num dado território onde a população apóia os rebeldes, as autoridades só conseguem uma vitória completa quando destroem ou capturam a totalidade dos meios revolucionários. A operação é extremamente demorada e exige, quase, a deportação maciça da população.

Finalmente, o quarto fator é a "situação internacional". Neste aspecto do problema interessa avaliar os apoios com que o movimento pode contar no estrangeiro e as ajudas que os revolucionários podem vir a receber. Interessa, também, averiguar da estabilidade do bloco de nações a que pertence o país atacado e as formas como cada uma pode vir a interpretar a ação revolucionária consonte os seus interesses particulares.

Da análise dos fatores que passamos em revista resulta um balanço da situação que permite tomar uma decisão quanto à forma

mais conveniente de conduzir a luta.

Se nos detivermos um pouco na análise do método materialista para estudo de uma situação — o método não é exclusivo da Guerra Revolucionária — concluímos que, além de dar uma importância relevante às forças econômico-sociais e às forças sentimentais ou psicológicas, muitas vezes em detrimento de todas as outras, a sua característica principal é a unidade de apreciação. As operações — e quando dizemos "operações" não nos referimos apenas às militares — são concebidas como um todo em que todos os elementos constituintes, seja qual for a sua natureza, são lógicas e harmoniosamente ligados. O método conduz à chamada "estratégia integral" e à condensação numa só personalidade ou entidade da responsabilidade de uma decisão global. O método em si não tem nada de novo nem chega a ser original. A sua aplicação e a possibilidade de o fazer sistematicamente é que tem importância porque asseguram uma completa unidade político-militar. Esta circunstância, aparentemente sem interesse, tem grande valor se atendermos a que, em geral, quer por motivos de ordem interna, quer por motivos de ordem internacional, quer, até, por uma questão de formação pessoal, as ações contra-revolucionárias são concebidas e executadas com fundamento na "situação militar" em obediência a diretivas e a condicionamentos políticos que não se coadunam, nem favorecem, por vezes, as ações de força material. A falta de unidade político-militar é, quase sempre, a característica da condução da luta contra-revolucionária. Há a tendência cômoda para avaliar as situações por meio de um simples balanço entre os meios de que se dispõe e as forças do adversário que são, quase até ao final da luta, muito inferiores. Ao abrigo dessa superioridade continua-se, sem preocupações, a alimentar a divisão e

os antagonismos políticos. As ações de caráter psicológico são ignoradas ou consideradas pura fantasia. Ora, os conflitos que se vêm a verificar há meio século põem em jogo forças que transcendem largamente as operações puramente militares. Na luta conduzida à maneira comunista, o potencial militar é necessário mas, só por si, é insuficiente para combater eficazmente as insurreições, nas suas fases inicial e intermédia. Depois, quando os rebeldes se sentem suficientemente fortes para aceitar a luta à maneira clássica, as forças contra-revolucionárias encontram-se já em situação de inferioridade, desmoralizadas e rodeadas por uma população que lhes é declaradamente hostil. As regras que regem a batalha e o combate não são já, apenas, as regras e as normas clássicas. A força dos canhões é necessária mas não chega. É uma pequena parte do complexo de forças que são desencadeadas pelos conflitos modernos. A luta que é imposta ao Mundo Livre é uma batalha global. Querer limitá-la ao campo militar é ignorar a sua natureza essencialmente política e condenar a ação militar, quando chegar a sua oportunidade, a um insucesso irremediável. Há que dar à batalha o sentido de unidade de que carece e que forjar as mesmas armas de que o inimigo se serve.

O método de análise que procuramos apresentar é suscetível de se reduzir a um esquema, tipo quadro, do qual ressalte, em dedução quase matemática, a desejada decisão. Mas, a Guerra, hoje mais do que nunca, é um conflito humano em permanente evolução e de aspectos sempre diferentes. Tudo quanto seja procurar o esquema, o quadro, a dedução empírica, é falsear a realidade. Para cada caso os fatores dominantes tem o seu encadeamento próprio que conduz a uma ordenação particular. Por consequência, parece preferível recorrer ao estudo pormenorizado dos exemplos forne-

cidos pelos conflitos conhecidos e tirar deles as lições convenientes. Esse estudo não está na índole do nosso modesto apontamento. Limitar-nos-emos a citar dois exemplos da aplicação do método de análise apresentado e que são colhidos de um conflito que é do conhecimento geral: a Guerra Civil chinesa.

Ao analisar os fatores dominantes da situação na China em 1936, Mao-Tse-Toung começa por dizer: "Aqueles que não admitem, não sabem ou não querem saber que a Guerra da China tem características próprias, consideram que o conflito entre o Exército Vermelho e o Kuo-Min-Tang não difere de uma guerra civil em geral, ou da guerra civil russa em 1917. Por isso, adotaram para nos combater as mesmas diretrizes militares e até a mesma tática. O nosso inimigo não viu, ou não quis ver, que para nos combater tinha de adotar uma estratégia e uma tática diferente...".

Segundo Mao, os dados fundamentais da situação na China, em 1936, eram os seguintes:

País semicolonial, com um território imenso quase sem comunicações. Desenvolvimento político e desenvolvimento econômico desequilibrados — coexistência de uma economia capitalista muito frágil e de uma economia semi-feudal predominante. Maioria constituída por uma paupérrima população rural de muitos milhões de indivíduos. A revolução de 1927 permitira formar e organizar uma sólida infra-estrutura comunista. O inimigo — Kuomintang —, dispunha do poder em quase todo o território e de forças armadas muito superiores às forças vermelhas. O Exército Vermelho era muito fraco, mas estava bem enquadrado e bem comandado e, sobretudo, dispunha do apoio da maioria da população rural graças à prometida reforma agrária.

Do conjunto da situação, Mao deduz:

#### Fatores favoráveis:

- Possibilidades de viver nas regiões mais afastadas e inacessíveis e, bem assim, de efetuar movimentos de retirada intermináveis.
- Superioridade esmagadora da classe agrícola e as suas miseráveis condições de vida.
- A existência da U.R.S.S.
- A existência de uma sólida infra-estrutura partidária e de quadros experimentados.
- Divergências no seio do Kuomintang e características feudais da organização das suas forças militares.
- A reforma agrária que constituía um forte esteio para obter e manter o apoio ativo da classe maioritária e despertar o seu desejo de lutar.

#### Fatores desfavoráveis:

- O fracionamento e a dispersão da massa rural, o que dificultava muito a conjugação de esforços.
- O pequeno número de cidades em poder das forças vermelhas, o que as privava da maioria dos bens de produção.
- A U.R.S.S. não podia fornecer nenhum auxílio material.
- O Kuomintang contava com a ajuda das principais potências.
- Superioridade esmagadora das forças militares do Kuomintang, em particular, das forças de Tchang-Kai-Chek.
- Hostilidade declarada dos grandes proprietários.

Da comparação dos fatores favoráveis e desfavoráveis, Mao conclui:

Para conduzir a guerra corretamente era indispensável assegurar as condições seguintes:

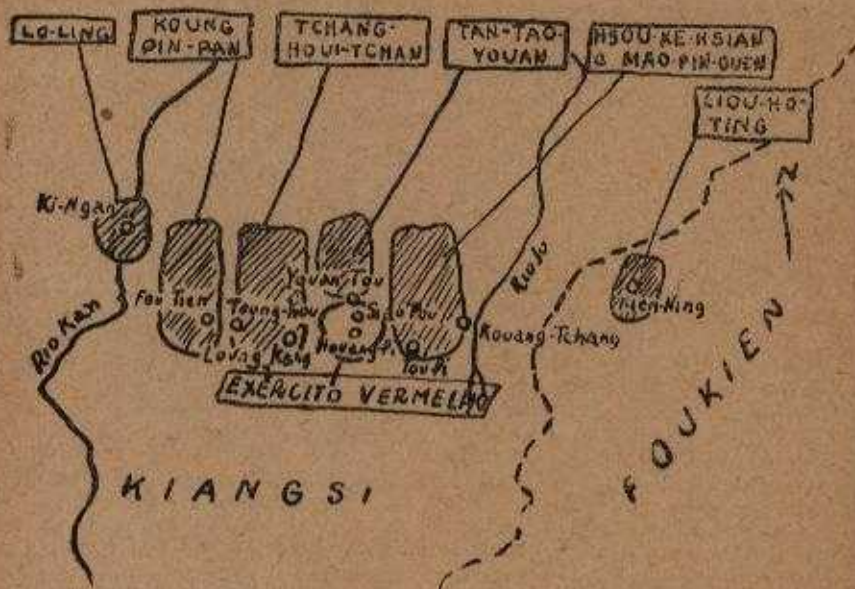
- Obter o apoio total da população rural.
- Só combater nos terrenos propícios e nas regiões onde a população fornecia apoio ativo às forças vermelhas.
- Manter sempre todas as forças concentradas.
- Desmoralizar e fatigar o adversário por todos os meios possíveis.
- Explorar as faltas e todas as contradições do inimigo.

Mao-Tse-Toung afirma que o apoio da população é a condição mais importante a ter em consideração. "Para bater um Exército muito mais forte não se pode

desprezar aquela condição. Há sempre terrenos favoráveis para retirar quando convém, mas de pouco valerão se nêles não se contar com uma população que nos apoie e hostilize o inimigo. Por isso, as forças vermelhas só devem retirar para os territórios cuja população esteja sob o controle do partido".

Na primeira campanha de aniquilamento, em 1931, Tchang-Kai-Chek tentou destruir as forças vermelhas em formação. A situação era a seguinte:

Tchang-Kai-Chek pusera à disposição de Lou Ti-ping, presidente do governo provisório do Kiangsi, cinco divisões (100.000 homens) — Koung Pin-Pan, Tchang-Houi-Tchan, Tan-Tao-Youan, Hsou-Ke-Hsian e Mao-Pin-Ouen — sob o comando em chefe de Tchang-Houi-Tchan que também comandava uma das divisões. As forças do Kuomintang encontravam-se (fig. 1) en-



tre os rios Kan e Ju, marchando em direção ao sul com o fim de cercar e destruir o Exército Vermelho. Em Ki-Ngan e em Kien-Ning (Foukien), muito afastadas de Houang-Pi, encontravam-se duas divisões Kuomintang: a divisão Lo-Ling e a divisão Liou-Ho-Ting.

O Exército Vermelho, num total de 40.000 homens, ocupava Houang-Pi e Sião-Pou.

O terreno na região de Loung Kang (divisão Tchang-Houi-Tchan) apresentava-se favorável a um ataque na direção este-oeste. Em Sião-Pou era fácil estabelecer posições defensivas e em Youan Tou podia ser detido um ataque vindo do sul.

A população em Loung Kang (divisão Tchang) e em Youan Tou (divisão Tan-Tao) apoiava as forças vermelhas e podia cobrir a sua aproximação (informações, guerrilhas, sabotagem, etc.). Nas regiões de Foukien e Toung-Kou, pelo contrário, a população estava ao lado das forças Kuomintang.

As divisões Tchang e Tan-Tao constituíam as principais forças do Kuomintang. O seu aniquilamento arruinaria o dispositivo, já de si desequilibrado — grandes intervalos e falta de ligação entre as divisões —, adotado por Tchang na sua marcha para sul. As duas divisões contavam, cada uma, com 15 mil homens. O Exército Vermelho ser-lhes-ia superior se as atacasse separadamente.

As divisões Kuomintang eram pouco manobradoras e a divisão de Tchang, ao centro, não podia contar com o apoio das divisões laterais. O Exército Vermelho estava bem enquadrado, bem comandado e tinha grande mobilidade.

As forças Kuomintang eram apenas fiéis aos respectivos chefes que eram, na realidade, os seus proprietários. A sua vontade de lutar estava longe de comportar todos os sacrifícios. As forças Vermelhas estavam, pelo contrário, animadas de uma forte vontade de combater graças ao tra-

balho de impregnação psicológica do partido.

Não havia possibilidade de fugir ao combate.

Em face da análise da situação, Mao conclui:

#### Terreno:

- Favorável ao ataque-Região de Loung Kang.
- Favorável à cobertura face a N — região de Sião-Pou.

#### Balanço das forças político-militares:

- Regiões de população favorável — Loung Kang e Youan Tou.
- Exército Vermelho muito inferior em número mas bem comandado.
- Forças inimigas muito superiores mas mal comandadas.
- O dispositivo inimigo permite obter a superioridade local.

#### Vontade de lutar:

- Forças inimigas sem convicção ideológica. Fiéis aos chefes que lhes pagam os soldos. Uma derrota parcial pode desmoralizá-las por completo.
- Forças vermelhas animadas de forte vontade de lutar e psicologicamente convencidas da sua superioridade técnica.

#### Decisão:

— Atacar no centro a divisão Tchang na região de Loung Kang, porque:

- 1º. — População favorável capaz de informar e de reforçar os efetivos das forças vermelhas.
- 2º. — Terreno propício.
- 3º. — Superioridade de efetivos.
- 4º. — Possibilidade de aniquilar a divisão do coman-

dante-chefe e obter largo efeito moral.

- 5º. — Possibilidade de partir o dispositivo inimigo em duas partes e explorar o sucesso sobre a divisão Tan.

A divisão Tchang, enganada pela população, foi colhida de surpresa e perdeu mais de metade dos efetivos. A divisão Tan-Tao desmoralizada pela fuga dos homens da divisão Tchang através do seu dispositivo bateu em retirada mas foi alcançada e aniquilada. As restantes divisões retiraram pouco depois.

Poderíamos apresentar muitos outros exemplos. De todos ressalta a importância que assume no desfecho da luta a **unidade politico-militar**. Normalmente os revolucionários só combatem quando não têm outra alternativa. Para eles é mais importante modificar a seu favor os "factores desfavoráveis" do que aproveitar imediatamente os que lhes são "favoráveis". É nesse sentido que orientam o seu esforço. Daí o ritmo extraordinariamente lento da Guerra Revolucionária. Na China arrastou-se durante dez longos anos. Porém, logo que a situação se inverteu a favor dos revolucionários, as operações sucederam-se rapidamente e terminaram num êxito espetacular.

### 5. Os movimentos na Indochina e na Tunísia

#### A. O Movimento Revolucionário Indochinês

Foi na cidade francesa de Tours, tão recheada de recordações de uma história gloriosa, que nasceu o partido comunista francês. Em 1920, acorreram à velha cidade numerosos bolchevistas para tomarem parte no congresso que deu origem à sucursal francesa do comunismo internacional. Entre eles, quase passou despercebido, um jovem anamita de vinte e oito anos, Nguyen Ai

Quoc, magro e melancólico, de aparência modesta, que viera de Saigão, a sua terra natal, para colhêr os benefícios da cultura universitária francesa. Não era fácil descortinar nesse jovem de tez amarelada, olhos ligeiramente enviezados e ar submisso, o futuro chefe da revolução comunista indochinesa. Ho-Chi-Minh, regressou pouco depois ao Extremo Oriente onde desempenhou incansavelmente as funções de agitador e propagandista. Vamos encontrá-lo, em 1926, em Cantão; no Sião, em 1928, e, em 1930, em Hong-Kong, sempre ligado e envolvido em movimentos revolucionários. Em 1930, fundou o partido comunista indochinês e recebeu de Moscou a missão de dirigir a ação revolucionária em todo o Sudeste asiático. No período de 1935 a 1939, depois de ter estado exilado na China, regressou ao seu país onde organizou solidamente o partido graças às facilidades concedidas pela frente popular francesa.

A sua longa prática — uma vida inteira dedicada a atividades subversivas — conferia-lhes a qualidade de verdadeiro revolucionário profissional. Culto e inteligente, rodeou-se de uma equipe de hábeis colaboradores, entre os quais se destacam Glap, o chefe das forças revolucionárias militarizadas, Pham Van Dong, etc.

Ho-Chi-Minh começou a preparar a revolta da Indochina em 1926. A técnica empregada foi a doutrina e codificada por Lenine e Mao-Tse-Toung, convenientemente adaptada às servidões locais. O partido lançou-se imediatamente na luta pela conquista da população mediante uma campanha psicológica, pacientemente executada.

A Indochina não tem unidade geográfica, nem unidade racial. Nos ricos e férteis deltas do Tonkin e da Cochinchina e na estreita faixa que os une na costa abrupta do Anam agita-se um formigueiro de 17 milhões de anamitas de civilização chinesa.



Nas terras do interior vivem os cambodgianos — 3 milhões — e os laocianos — 2 milhões — de civilização hindu. As rudes escarpas da cadeia anamita são habitadas por cerca de um milhão de montanheses. A Cochinchina era uma colônia francesa. O Anam e o Tonkin protetorados. A revolução chinesa de 1911 criou uma onda de ódio contra o branco por toda a Ásia. Em 1930, rebentaram revoltas no Tonkin (Yen-Bay) e no Anam (Vinh) que foram reprimidas. Os chefes da revolta refugiaram-se na China. Entre eles está Ho-Chi-Minh que estabeleceu ali a sede do partido comunista indochinês, o "Viet-Minh".

Em 1945, os japoneses liquidaram a administração francesa. Bao-Dai proclamou a independência. Quando os japoneses abandonaram o país, já Ho-Chi-Minh tinha estabelecido uma sólida organização partidária clandestina em todo o território e conquistado o apoio da classe maioritária — os camponeses anamitas — graças à promessa de uma reforma agrária equitativa. Serviu-se, para isso, simultaneamente, do sentimento nacionalista e do mito da "democracia-popular". O poder de Bao-Dai era sustentado pelas forças japonesas. A 16 de agosto daquele ano, o Viet-Minh tomava conta do poder em Hanoi, os mandarins foram escorraçados e Bao-Dai foi forçado a abdicar.

Em 1946, os franceses regressam à Indochina. Em Fontainebleau, no velho palácio de Francisco I, realizam-se negociações entre Ho-Chi-Minh e o governo francês. A França propõe-se reconhecer a independência do Viet-Nam dentro da União Francesa, criada pela Constituição votada naquele ano. Mas, não estava no espírito de Ho-Chi-Minh transformar a Indochina num estado federado. As conversações encerraram-se por um completo malogro e, na noite de 19 de dezembro, o Viet-Minh atacou as forças francesas

em Hanoi. Começava a Guerra Civil.

As forças comunistas tinham-se organizado e treinado durante a Guerra Mundial. No ano de 1941, as forças de Giap atravessaram a fronteira da China com o pretexto de lutar contra o imperialismo nipónico.

O chefe militar do Viet-Minh sabia perfeitamente que a derrota dos japoneses não dependia da ação das suas reduzidas forças. Mas, a ocasião era excelente para treinar os seus homens e armá-los com o armamento que os americanos distribuíam em para-quedas às guerrilhas "nacionalistas" que hostilizavam as forças japonesas de ocupação. Na data da capitulação, Giap dispunha de 6.000 homens, razoavelmente armados, bem enquadrados e solidamente instruídos. A organização do partido envolvia o país numa verdadeira teia. Grande parte da população anamita conferia inteiro apoio ao Viet-Minh. Ho-Chi-Minh conquistou o poder em dez escassos dias. Giap apoderou-se de grandes quantidades de armamento japonês.

O Viet-Minh, logo que obteve o poder, após a saída dos japoneses é uma vez eliminados todos os outros concorrentes, desenvolveu a organização partidária respeitando o mais possível a organização tradicional do território. O elemento fundamental da sociedade anamita é a "aldeia". Em cada uma foi criada uma comissão a qual foram atribuídos todos os poderes (político, militar e judicial). Cada comissão compreendia várias seções — muitas só com um elemento — responsáveis pelos vários serviços: ordem, informação e propaganda, pessoal, economia, defesa (guerrilheiros e forças militarizadas), etc. As comissões dominavam por completo a vida e as atividades dos habitantes de cada aldeia. As aldeias com as suas comissões foram agrupadas em "grupos de aldeias", estes em "delegações" que, por sua vez foram reunidas

em "províncias". Existiam ainda, para maior facilidade de comando, "grupos de províncias". Em cada escalão foi constituída uma comissão "executiva", semelhante às comissões de aldeia. As comissões em todos os degraus hierárquicos eram senhores de um poder absoluto só prestando contas dos seus atos à Comissão Central do Partido e aos seus delegados. No vértice da organização situava-se "O Governo", constituído, praticamente, por Ho-Chi-Minh, secretário-geral e chefe incontestado do partido. Foi imposta uma rigorosa disciplina à qual todos foram obrigados a submeter-se, sem exclusão, mesmo dos membros mais notáveis do partido. Em 1951, Nguyen Binh, prestigioso organizador da resistência na Cochinchina, foi acusado de ter tomado medidas pouco harmónicas com as directivas da Comissão Central do Partido. Por esse motivo foi encarregado de uma missão perigosa onde veio a morrer.

A organização governamental sobrepuja-se a organização encarregada de ativar e vigiar todas as actividades. O partido compreendia a Comissão Central, a Comissão de Fiscalização e Segurança do Partido, a Comissão de Fiscalização das Comissões de Províncias, a Comissão Militar, as Comissões de Fiscalização das células de funcionários, das células organizadas entre a população e das células criadas nas forças armadas. A organização apresentava, no seu conjunto, as características seguintes: centralização, elasticidade, facilidade de fiscalização e estabilidade. **A unidade de comando político-militar ficou assegurada em todos os escalões.**

Além das organizações que descrevemos, foram criadas outras paralelas e independentes, agrupando os habitantes em "associações" conforme a sua profissão, religião, idade, etc. Eram as associações da juventude, de agricultores, de operários, de católi-

cos, de caodistas, etc. Todos pertenciam a qualquer agrupamento. A razão desta multiplicação de organizações de toda a espécie deriva da necessidade de criar as condições indispensáveis ao exercício de uma propaganda eficaz. Esta, como é sabido, exige que os agrupamentos humanos estejam organizados. De contrário, em vez de "massas" constituem "multidões" sobre as quais a propaganda não é eficaz. A organização estabelecida, aparentemente complicada, permitia subordinar tudo e todos à fiscalização do poder revolucionário.

Os revolucionários, conscientes da sua inferioridade material, dão sempre uma importância capital aos problemas interdependentes da **segurança** e da **informação**. Neste capítulo, o trabalho é minuciosamente organizado e planeado. **Não fazem distinção entre "informação militar" e "informação política"** o que é uma consequência lógica da forma como apreciam e encaram as situações e da unidade político-militar que dogmáticamente procuram manter. Também, o campo de pesquisas abrange, indistintamente, todo o território amigo e inimigo. Quer num caso, quer noutro, a informação é pesquisada e tratada da mesma forma. A unidade político-militar na condução das operações exige a unidade de informação político-económico-militar. A pesquisa tem por fundamento a organização política que descrevemos. De fato, aquela organização não só torna quase impossível a infiltração de agentes inimigos — são facilmente referenciados e capturados por denúncia dos habitantes — se o não fizerem serão passados pelas armas — como também se adapta facilmente à pesquisa da informação. As ordens de pesquisa são dadas através dos vários órgãos e entidades a todos os habitantes, desde o camponês que se desloca diariamente à cidade para vender os seus produtos agrícolas até ao agente especiali-

zado. Um processo muito eficaz consiste em utilizar os indivíduos que vivem em território inimigo, mas têm família nas regiões em poder dos rebeldes. Sob a ameaça de liquidação dos pais ou dos filhos, aqueles indivíduos não hesitam em se tornarem agentes dos revoltosos. Além dos processos descritos, o Viet-Minh dispunha de órgãos especializados. Eram a "segurança" e o "Serviço militar de informações" (Trinh Sat). O primeiro compreendia uma "seção e informações políticas" com representantes em todos os escalões territoriais além de formações de mil homens nas várias províncias. O Trinh Sat tinha representantes desde a companhia até à divisão. O trabalho de pesquisa e de estudo da informação era realizado com uma meticulosidade e paciência extraordinárias. Qualquer operação era precedida por um esforço na recolha de informações iniciado com muitos meses de antecedência. Graças à sua organização e ao serviço de informações o Viet-Minh atuava com grande segurança e uma confiança quase absoluta.

Para conquistar o domínio de uma região o Viet-Minh procurava transformá-la numa "base de apoio". A "base" é uma zona na qual a população está sujeita a uma rígida e inflexível fiscalização clandestina que permite aos rebeldes comandar secretamente todos os indivíduos. Nas regiões transformadas em "bases" o movimento tem inteira liberdade de ação. Pode dispor de um forte auxílio material — humano e econômico — e anular por completo a ação dos agentes inimigos que são logo desmascarados. Estas vantagens contrabalançam a sua debilidade militar.

A instalação de uma base é um trabalho de paciência. O Viet-Minh destacou para as aldeias isoladas na selva numerosos agitadores. Estes, judiciosamente preparados, começaram a trabalhar a população sem se dizerem comunistas, respeitando os-

tensivamente as crenças religiosas e as tradições locais. A sua ação dirigia-se exclusivamente contra as autoridades. Começaram a surgir os simpatizantes. Nas grandes empresas agrícolas o processo adotado foi o mesmo. Graças ao trabalho de agitação, os trabalhadores rurais, desertaram em massa e reuniram-se no interior às forças rebeldes. É claro que a agitação era reforçada com largo emprêgo de processos terroristas. Quando numa aldeia a maioria da população se tornava tacitamente favorável ao Viet-Minh os agitadores davam início ao trabalho de organização, instituindo a "comissão de aldeia", etc. O trabalho foi realizado de tal maneira que, em 1950, existia uma administração clandestina sobreposta à administração legal. Esta como os indígenas continuavam a pagar os seus impostos, julgava-se segura. Entretanto no interior da floresta iam-se formando e instruindo as forças populares militarizadas. As forças legais eram vítimas de agressões, emboscadas, etc., e acabavam por se desorientar ao sentirem a hostilidade surda e passiva dos aldeões. Cometiam erros que o Viet-Minh aproveitava para promover a evacuação dos habitantes das aldeias para as regiões em seu poder.

Nas "bases de apoio" a população é mobilizada e alistada, em formações de "defesa local", em "grupos de ação" e em "guerrilhas". Porém, as "guerrilhas" e as pequenas formações dispersas não são favoráveis a uma sólida organização. Mao-Tse-Toung admite a sua necessidade inicial mas não lhes reconhece senão um valor acessório. Por isso, logo que é possível começam a ser organizadas "forças regionais" reunindo os "grupos de ação" e as guerrilhas em companhias clandestinas. Paralelamente, são organizadas as "forças regulares", a verdadeira "élite" de Exército revolucionário, avaramente reservadas para a contra-ofensiva geral. As tropas regionais fornecem recrutas

para as tropas regulares, mantendo-se uma corrente de recrutas e soldados num e noutro sentido.

As forças militares foram organizadas no Viet-Minh com fundamento nos valores militares tradicionais e nos valores revolucionários. O comando era bom, realista, inflexível na execução, maleável na apreciação e na correção dos seus erros, senhor de uma unidade político-militar absoluta. A instrução dos quadros e das tropas era rigorosíssima e de caráter permanente mesmo durante as operações. A disciplina era uma verdadeira religião. As ordens, mesmo aquelas que acarretavam pesados sacrifícios, foram sempre cumpridas sem hesitação.

Ao exército foi aplicado o sistema já conhecido dos comissários políticos. Além disso, 30% dos dos subalternos, 50% dos capitães e 75% dos oficiais superiores eram membros ativos do partido. A hierarquia militar sobrepunha-se a hierarquia do partido. A formação política do soldado era cuidadosamente considerada.

Procuramos dar uma idéia das forças e dos fatores que o Viet-Minh pôs em jogo para bater as forças militares francesas. A razão fundamental da vitória foi a unidade da direção, quer local, quer internacional, e a unidade de comando político-militar, asseguradas por uma organização totalitária capaz de permitir o domínio da população animada por uma convicção sentimental e ideológica ativa e dinâmica. **Unidade** em todos os escalões e em todos os domínios tal parece ter sido a arma fundamental do Viet-Minh.

#### B. A Revolta na Tunísia

O caso da Tunísia tem um interesse especial porque oferece o exemplo de uma guerra Revolucionária conduzida por um Partido "nacionalista", do modelo ocidental, inspirado e apoiado diretamente pelos partidos comu-

nistas francês e tunisino e, indiretamente, pela URSS e pelos países árabes.

Depois de alguns fracassos iniciais, a Guerra foi coroada de êxito e deu origem à formação de um estado autónomo, primeiro passo para a independência total, graças aplicação dos princípios da ação revolucionária e a circunstâncias internacionais favoráveis (Dien Bien Phu, apoio da ONU, etc.). O vencedor foi o Partido Liberal Constitucional ou Neo-Destour, agrupamento ainda minoritário em 1934, ano em que foi criado.

A luta levada a cabo pelo Neo-Destour — em cerca de 20 anos — permitiu alargar a sua influência a todo o país e atingir o primeiro objetivo em vista: a autonomia interna da Tunísia, "etapa fundamental no caminho da independência".

O movimento foi preparado e conduzido dentro dos princípios leninistas e a luta aberta começou logo que foram realizadas as condições indispensáveis. Uma fase político-psicológica preparou a fase político-militar na qual o período fellaga foi o período decisivo.

Os dirigentes do Neo-Destour formaram-se nas Universidades francesas. Ao mesmo tempo o partido comunista francês aliciava-os e ministrava-lhes os ensinamentos necessários à sua formação revolucionária. Quando regressaram à Tunísia sabiam perfeitamente o que queriam e a forma como deviam atuar para o realizar.

Em 1930, a situação era a seguinte:

A potência protetora pretendia estabelecer uma soberania conjunta, que assegurasse a participação dos franceses na administração. A intenção era justificada pela existência na Tunísia de 300 mil europeus. A administração estava totalmente nas mãos dos franceses, que dispunham de uma fiscalização eficaz. O elemento

europeu, embora quantitativa-mente fraco, era qualitativamente forte e indispensável ao equilíbrio econômico da Tunísia.

O número de tunisinos evolucionados era fraco mas em aumento progressivo. Além dêles só havia uma massa inculta e amorfa agrupada em organizações tradicionais — as tribos —, sobretudo no interior do território.

Nos estatutos do Partido, os fins políticos enunciados eram, em 1934, os seguintes:

- Conquista da autonomia interna.
- Em seguida, logo que as "élites" tunisinas tivessem assimilado a administração interna e que o novo Estado dispusesse dos quadros necessários, proclamar a independência.

A tática posta em prática assentou nos princípios:

- Para bater o inimigo é necessário romper o seu equilíbrio introduzindo nas operações um fator psicológico ou econômico que o coloque em inferioridade, antes de o atacar abertamente.
- O fim deve consistir em colocar o adversário em desequilíbrio por forma tal que as forças revolucionárias, embora mais fracas consigam batê-lo.

Para atingir os fins em vista havia que:

- Conquistar o apoio das populações de maneira a dispor de um fator psicológico e econômico indispensável à ação decisiva.
- Obter, no exterior, apoios capazes de ajudar a compensar a desproporção de forças.

A ação interior malograra-se se não se obtivesse o apoio ativo dos partidos simpatizantes franceses, o apoio americano e o apoio dos estados árabes.

O plano de ação foi delineado nos seguintes moldes:

- Criação de um Partido capaz de unificar as populações, verdadeiro instrumento de combate, habilitado a lutar contra os partidos inimigos — destouriano tradicionalista e outros — e contra a autoridade estabelecida.
- Conquista de apoios exteriores e ligação com os partidos simpatizantes, estrangeiros.

Em 1934, o núcleo revolucionário do Destour, provocou uma ruptura no seio do Partido, eliminou os tradicionalistas e fundou o Neo-Destour. O novo Partido foi organizado à comunista. A Comissão Central do Partido subordinava quatro secções — Propaganda, Juventude, Formação de Quadros e Negócios Sociais — e vários grupos de ação. O território foi invadido em "regiões". Em cada uma delas foi criada uma "Comissão Regional" com organização semelhante à da Comissão Central. Por sua vez, as "regiões" foram articuladas em "células". Cada célula compreendia a "direção" — presidente, secretário e tesoureiro — delegado para a Propaganda, delegado para a juventude, delegado para os negócios sociais, delegado para a formação de militantes e um ou mais grupos de ação.

Os processos adotados para a conquista das "massas" foram a persuasão e a violência. Esta era empregada contra os recalcitrantes e contra os franceses: atentados, sabotagens, destruições, etc., com o fim de os suprimir e desmoralizar.

Em 1938, o Neo-Destour tinha atingido o seu primeiro objetivo: sublevar as populações. Por esse motivo as autoridades dissolveram-no. Passou então a atuar na clandestinidade até ao final das hostilidades, mas os dirigentes do Partido concluíram que os meios psicológicos e o terrorismo, sen-

do indispensáveis, não eram suficientes.

A criação da liga árabe em 1945 veio fornecer aos insurretos o apoio exterior necessário à ação nos seus novos moldes:

- Criação no seio do Partido de uma Comissão de Resistência.
- Organização de novas organizações (sindicatos, agrupamentos profissionais, agrupamentos da juventude, etc.) para amplificar e tornar mais eficiente a ação psicológica.
- Formação dos agrupamentos militarizados.
- Estabelecimento de relações íntimas com os organismos ocidentais que se interessavam pela libertação dos "povos dependentes".
- Obtenção de armamento por intermédio dos estados árabes.

Em 1952, estavam alcançadas todas as condições favoráveis ao desencadeamento da luta armada. O partido dominava inteiramente a população. No estrangeiro havia sido obtido o apoio declarado de numerosos países ocidentais e orientais.

A Revolução, no seu conjunto, compreendeu as três fases a que aludimos no §. 2º, d'este trabalho:

- Na 1ª fase: Conquista sentimental da população e desenvolvimento da organização partidária nos seus novos moldes.
- Na 2ª fase: Foi completada a ação iniciada na fase anterior mediante uma vasta campanha terrorista que serviu também para desmoralizar o adversário.
- Na 3ª fase: Ataque por meio do "Exército de Libertação", organizado clandestinamente, com o apoio ativo da população.

Finalmente, em 1954, o Partido terminava a luta vitoriosamente,

Nas margens do Mediterrâneo ou nos confins do Oriente, nos deltas do Tonkin e da Cochinchina, os processos e a maneira de conduzir as ações foram idênticos. Bourguiba soube aproveitar inteligentemente as lições de Mao-Tse-Toung e de Ho-Chi-Minh: Unidade político-militar em todos os escalões, organização, disciplina, convicção ideológica, hábil aproveitamento dos apoios exteriores, em oposição a um adversário militarmente muito superior mas dividido e sem apoio firme dos seus aliados.

#### 6. Conclusão

A Guerra Revolucionária é a forma de agressão característica da época atual. A URSS pratica-a e fomenta-a ao nível mundial e em certas regiões de acôrdo com o seu plano de conquista da hegemonia mundial. É uma realidade palpável cujos efeitos estão à vista de todos e que não pode ser iludida ou sofismada. No entanto, apesar disso, há uma relutância tácita em o reconhecer. Procura-se iludir o problema sem tentar encontrar os meios e as medidas necessárias à concepção e à execução de uma estratégia contra-revolucionária. Por enquanto, as vítimas principais da agressão têm sido as potências europeias que possuem territórios e interesses na Ásia, no Médio Oriente e na África. Psicologicamente, porém, os efeitos fazem-se sentir gravemente em toda a parte.

Como o avestruz que, quando é surpreendido pelo caçador, mete a cabeça debaixo da asa, os países ocidentais abrigam-se, trânsidos e inquietos, às cotoveladas uns aos outros, com certa desconfiança do parceiro do lado, à sombra do poder protetor de algumas grossas de bombas nucleares prontas a ser despejadas nas cúpulas do Kremlin caso a Comissão Central do PC soviético decida atacar militarmente um país ocidental. Mas a União Soviética, "campeã da coexistência pacífica", "de-

fensora da Paz" e dos "povos oprimidos" não parece manifestar intenções de se atribuir a responsabilidade de disparar o primeiro tiro. Por que cometer esse erro e correr tão grande risco — as conseqüências seriam pelo menos, tão nefastas para a Rússia como para os seus antagonistas — revelando brutalmente às "massas" as suas verdadeiras intenções, se pode fazer a Guerra por processos mais rendosos, muito menos arriscados e que os seus adversários tanto procuram facilitar? Não foi sem empenhar diretamente um soldado que bolchevizou a China e a Indochina e pôs em cheque, na Coreia, as forças da "ONU"? Que tem vindo a reduzir as potências europeias às acanhadas dimensões dos seus territórios continentais, superpovoados, arruinando a sua economia, enfraquecendo-as com revoltas locais sucessivas e atirando-as contra os E.E.U.U.? Que se instalou no Cairo e se alapardou da Síria? Que os seus agentes vão espalhando, pacientemente, no continente africano os germens do ódio e da revolta contra o europeu?

Não. Uma atitude bélica, à Napoleão ou Hitler, orquestrada por um continuo bater de esporas, não está no espírito do Partido Comunista. Uma atitude dessa natureza representaria o repúdio e a negação da estratégia leninista que tão bons resultados tem dado nos últimos 50 anos.

Todos os atos e tôdas as atitudes da União Soviética não têm outros fins que não sejam dar execução ao seu plano revolucio-

nário. Não é da Lua Vermelha — incontestavelmente o maior cartaz de propaganda dos últimos tempos — nem dos foguetões balísticos intercontinentais, que o Ocidente deve ter medo. Por muito que os soviéticos possam avançar na ciência e na técnica não parece fácil alcançarem uma superioridade decisiva em relação aos EUA. A URSS serve-se do potencial militar para garantir a sua segurança e manter a liberdade de ação política indispensável à condução da agressão revolucionária. A unidade do bloco comunista — forçada ou não — sob todos os aspectos, aliada ao poder militar, permitem-lhe impedir a luta uma unidade político-militar total e manter a iniciativa estratégica das operações, em oposição à falta de unidade dos seus adversários. Para o Ocidente o problema não está em colocar no espaço um satélite artificial, nem em enviar um projétil à Lua. O problema é de natureza exclusivamente terrena: não se trata de vencer a força da gravidade mas de eliminar, de uma vez para sempre, as resistências que impedem a completa unidade do Ocidente. Só assim será possível apresentar ao adversário uma frente sem brechas, que cubra e defenda, efetivamente, o patrimônio espiritual e material da civilização ocidental. Sem realizar previamente essa condição não é possível enfrentar com êxito a agressão revolucionária da União Soviética. Ignorá-lo ou não querer reconhecê-lo é cometer um erro de conseqüências desastrosas.

## BIBLIOGRAFIA

- A Estratégia da Guerra Revolucionária na China — Mao-Tse-Toung.  
 Revue Militaire d'Information e Defense Nationale.  
 Histoire de les revolutions communistes — F. Grenier.  
 Les empires coloniaux — H. Deschamps.  
 L'Union Française — Berjer-Levrault.  
 O Socialismo e a Guerra — Lenine.  
 Les principes du Leninismo — Staline.  
 La mal des foules — J. Tchakotine.  
 Guerre Psychologique — F. Bouton.